



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

A RELAÇÃO ENTRE A VIDA DA MULHER MODERNA E A FORMAÇÃO DO HÁBITO ALIMENTAR INFANTIL

Zuleide Nascimento dos Santos Miranda, Josane Cristina Souza Silva Alexandrino, Fernanda Regina Alves Santana, Daiane Argolo Rebouças, Liliane de Jesus Bittencourt

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, zucans@hotmail.com; Universidade de São Paulo, josanness@usp.br; Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, fernandarsa.25@gmail.com; Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, daianeargolo@hotmail.com; Universidade Federal da Bahia, liliane_bittencourt@hotmail.com

Resumo: A formação dos hábitos alimentares iniciada na infância, sofre influência de uma série de determinantes socioeconômicos, culturais, ambientais, tendo o meio familiar e suas práticas alimentares um importante papel sobre a base desse comportamento, com destaque sobretudo à relação mãe-filho. Mesmo quando inserida no mercado de trabalho, a mulher ainda assim é considerada a principal responsável pela alimentação da família. Diante disto o objetivo deste estudo é discutir a dinâmica da vida da mulher moderna e seu papel sociocultural na formação do hábito alimentar infantil. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, em livros e revistas científicas nas bases de dados, Scielo e Lilacs, Periódicos Capes, Biblioteca Virtual em Saúde, em literatura nacional. Foi realizada busca por termos livres, sem o uso de vocabulário controlado, sendo estes: hábito alimentar infantil, relações familiares, comportamento alimentar, preferências alimentares, mulher contemporânea. Foram selecionados os artigos publicados entre 2000 e 2018, e tiveram como critério de exclusão as pesquisas que envolvessem núcleos familiares homoafetivos. Observou-se que a mulher possui dever reservado perante a sociedade para construção dos hábitos alimentares infantis. Embora exista uma parcela de homens que contribuam nos afazeres domésticos, incluindo a alimentação da família, ainda é impactante a responsabilização feminina nesse território. Uma vez que o seio familiar é considerado o lugar mais importante para formação do hábito alimentar infantil é importante destacar o papel de cada membro da família nessa atividade, para que haja desconstrução de ideologias arraigadas por uma sociedade machista.

Palavras Chave: mulher contemporânea, hábito alimentar infantil, relações familiares.

INTRODUÇÃO

A alimentação saudável é um direito essencial humano, que deve ser garantido de forma socialmente justa. Ela deve ter referências na cultura alimentar, respeitar gênero, etnia, além de ser harmônica em qualidade e quantidade (BRASIL, 2014). Os alimentos, além de proporcionarem prazer, devem ser componentes fundamentais

de garantia de qualidade de vida e devem promover uma relação equilibrada com os elementos sociais e psicológicos da alimentação (TIRAPEGUI, 2012; LANDRY et al., 2018).

Segundo Rossi, Moreira e Rauen (2008), a alimentação durante a infância é tão importante para o crescimento quanto para o desenvolvimento, podendo ainda



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

representar um dos fatores fundamentais de prevenção de algumas doenças na fase adulta.

No que tange à formação do hábito alimentar, a família apresenta-se como referência primordial, pois são os pais os responsáveis pela seleção dos produtos alimentícios e, portanto, por sua diversidade sensorial e sua qualidade nutricional (SCHWARTZ et al., 2018).

Muitos estudos revelam a importância da família na formação dos hábitos alimentares das crianças, no entanto, poucos discutem sobre o papel exercido pela mulher nesta tarefa, as implicações da mulher moderna e o lar, além da responsabilização da mesma com a dinâmica familiar e cuidado com os filhos. Jablonski (2010) cita que ainda há uma discrepância entre as divisões das tarefas do lar e de cuidado com os filhos.

Há uma nova conformação do perfil feminino nos dias atuais, as mulheres cada vez mais buscam atividades remuneradas, qualificação profissional, liberdade de escolha, entretanto ainda permanecem como majoritárias com relação às atividades do lar, incluindo os cuidados com os filhos. Para Pinheiro (2005), a mulher assume uma vida profissional fora do lar e continua acumulando a responsabilidade sobre a alimentação da família. Sendo assim, suas

atividades transitam entre o ambiente do trabalho e o doméstico, se constituindo dessa forma, como um novo modelo da sociedade moderna, que não tem criado mecanismos de suporte social para a desconcentração desta atribuição enquanto exclusivamente feminina.

Diante desta nova conformação, este estudo busca discutir a relação entre a dinâmica da vida da mulher moderna e a formação do hábito alimentar infantil.

METODOLOGIA

O presente estudo fundamentou-se em pesquisa bibliográfica, utilizando o método sistemático integrativo. Este método de pesquisa busca delinear um processo analítico a respeito do conhecimento já elaborado em trabalhos prévios sobre um determinado tema. Com subsídios fundamentados na literatura, busca analisar se a vida da mulher moderna pode interferir na formação do hábito alimentar infantil (BOTELHO; CUNHA ; MACEDO, 2011).

Aborda na discussão do trabalho o perfil da mulher na contemporaneidade; hábito alimentar infantil e influência dos papéis estabelecidos no núcleo familiar na formação do hábito alimentar infantil.

A busca foi realizada em livros e revistas científicas nas bases de dados



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

Google acadêmico, *SciELO* e *Lilacs*, em literatura nacional, tendo como palavras-chave: hábito alimentar infantil, relações familiares, preferências alimentares, mulher contemporânea.

Foram selecionados 50 artigos científicos, no entanto, apenas 37 fizeram parte do processo de construção do trabalho. Utilizou-se como critério de exclusão o ano da publicação e núcleo familiar homossexual. E como critérios de inclusão, buscou-se artigos que retratavam o núcleo familiar tradicional, com casais heterossexuais, publicações entre os anos 2000/2018, devido à relevância de alguns trabalhos. Para a seleção dos estudos utilizou-se o título, buscando aqueles que correspondiam com os descritores utilizados na busca, e o resumo do trabalho, os quais também suscitavam aspectos que correspondiam com a temática abordada, como família tradicional, hábito alimentar infantil, vida da mulher moderna, divisão sexual do trabalho, a herança do patriarcado nessas famílias e suas consequências, uma vez que se pretende elucidar sobre a disparidade entre os gêneros ainda existente nos dias atuais.

Nos trabalhos selecionados, buscou-se evidenciar a desigualdade entre os gêneros, o processo dessa construção, e como isto pode implicar na

sobrecarga de trabalho em diversos aspectos na vida da mulher moderna, e conseqüentemente no hábito alimentar de seus filhos.

**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

RESULTADOS**Quadro 1: Estudos encontrados que contribuíram com a temática abordada.**

| Autor | Ano | Tema | Objetivo |
|------------------------|------|---|---|
| RAMOS e STEIN | 2000 | Desenvolvimento do comportamento alimentar infantil. | Revisar a literatura, descrevendo fatores que colaboram no desenvolvimento do comportamento alimentar infantil, em especial o papel da aprendizagem e do contexto social. |
| LIPOVETSKY | 2000 | Mulher: permanência e revolução feminina | Discutir a mulher pós-moderna. |
| FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO | 2001 | A mulher nos espaços público e privado. | Atualizar e ampliar o debate a respeito das questões relacionadas às desigualdades de gênero |
| PRIORE | 2002 | Mulheres dos Anos Dourados | Discutir sobre a identidade da mulher dos anos dourados. |
| DUARTE | 2003 | Feminismo e literatura no Brasil | Compreender o movimento feminista no país. |
| CARNEIRO | 2003 | Movimento de mulheres e feminismo negro | Discutir o movimento feminista e a posição da mulher negra nessas discussões. |
| CARNEIRO | 2003 | A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. | Discutir a situação da mulher negra no movimento feminista. |
| VENTURI e RECAMÁN | 2004 | A mulher nos espaços público e privado. | Estimular a ampliação, a adoção e a criação de novas políticas públicas voltadas para as necessidades das mulheres, contribuindo para melhorar suas condições de vida, e superar a desigualdade de gênero e diferentes formas de discriminação das mulheres brasileiras. |
| NEGREIROS e CARNEIRO | 2004 | Masculino e o feminino como papéis de gênero. | Discutir questões referentes aos papéis de gênero nas relações familiares contemporâneas, onde coexistem o “modelo antigo” e o “modelo novo” de família, ressaltando a tensão existente nos registros identificatórios da “nova” mulher e do “novo” homem. |
| ROTENBERG e VARGAS | 2004 | Práticas alimentares e o cuidado da saúde: da alimentação da criança à alimentação da família | Analisar o significado das práticas alimentares compreendendo as percepções, experiências e valores sobre a alimentação para mães de crianças sob risco nutricional, moradoras da Rocinha e frequentadoras do grupo de mães do Centro Municipal de Saúde Píndaro de Carvalho Rodrigues. |
| DESSEN e BRAZ | 2005 | Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. | Investigar, a partir do ponto de vista de mães e de pais as transformações ocorridas na rede social de apoio de famílias brasileiras em períodos de transição familiar decorrentes do nascimento de filhos. |
| PINHEIRO | 2005 | A alimentação saudável e a promoção da saúde no contexto da segurança alimentar e nutricional. | Identificar a dimensão da alimentação saudável na promoção da saúde, sob o contexto de Segurança Alimentar e Nutricional, estabelecendo interfaces e apontando perspectivas entre estes campos, no âmbito de políticas públicas. |
| VIEIRA | 2005 | Discute as mudanças na identidade da mulher, produto das modificações, nas ordens do discurso, resultado da globalização e da economia. | Discutir a identidade da mulher na modernidade. |
| ROMANELLI | 2006 | O significado da alimentação na família: Uma visão antropológica | Examinar o modo como a população de baixa renda articula elementos simbólicos de várias fontes para organizar regras dietéticas que constituem indicadores culturais que categoriza os alimentos em apropriados ou nocivos para o consumo. |
| FABBRO | 2006 | Mulher e Trabalho: problematizando o trabalho acadêmico e a maternidade | Analisar como a mulher-mãe, professora, universitária vivencia o trabalho/carreira acadêmica ao lado do exercício da maternidade. |



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

| | | | |
|--|------|--|--|
| PERUCCHI BEIRÃO e | 2007 | Paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. | Investigar as concepções que mulheres chefes de família têm sobre a paternidade. |
| SOUZA | 2008 | Educação, trabalho e socialização de gênero: quando ser mulher pesa mais na balança da desigualdade social | Dialogar, numa perspectiva de gênero, com alguns dados sobre o crescimento da presença feminina na educação formal, no mercado de trabalho brasileiro. |
| ROSSI, MOREIRA e RAUEN. | 2008 | Determinantes do comportamento alimentar: uma revisão com enfoque na família. | Abordar os diversos fatores ambientais envolvidos na aquisição de hábitos alimentares na infância. |
| CYRINO | 2009 | Trabalho, temporalidade e representações sociais de gênero: uma análise da articulação entre trabalho doméstico e assalariado. | Investigar a categoria "trabalho e gênero", a partir da articulação entre trabalho doméstico e assalariado, considerando-se que é um dos fatores centrais que explica as inserções desiguais de homens e mulheres no mercado de trabalho. |
| ARAÚJO et al | 2009 | Obesidade infantil versus modernização. | Descrever acerca da obesidade infantil, tratando-se de um estudo bibliográfico com abordagem descritiva. |
| MONTEIRO | 2009 | Influência de aspectos psicossociais e situacionais sobre a escolha alimentar infantil. | Verificar como variáveis psicossociais e situacionais podem influenciar nas escolhas alimentares. |
| APARÍCIO | 2010 | Desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis na infância | Refletir sobre a alimentação no período infantil, seus determinantes e processo de aprendizagem, com base nas várias evidências dos autores, bem como definir algumas linhas orientadoras para uma boa prática de promoção da saúde alimentar no ambiente familiar |
| FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO | 2010 | A mulher nos espaços público e privado. | Atualizar e ampliar o debate a respeito das questões relacionadas às desigualdades de gênero. |
| JABLONSKI | 2010 | Divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. | Investigar como se dá a negociação de tarefas dentro do lar face às novas demandas impostas a reboque do movimento de emancipação feminina e do ingresso maciço das mulheres no mercado de trabalho. |
| BIROLI | 2010 | Relação entre família e justiça a partir do diálogo entre as abordagens de dois filósofos políticos estadunidenses, Susan Moller Okin e John Rawls | Colocar em discussão as diferenças e continuidades entre suas abordagens |
| SCOTTI | 2011 | A importância da alimentação saudável na infância. | Discutir com alunos da Escola Municipal Paulo Freire, ensino fundamental, assuntos relacionados à alimentação saudável no ambiente escolar para promoção da saúde. |
| BORSA E NUNES | 2011 | Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear | Discutir aspectos psicossociais dos papéis estabelecidos entre homens e mulheres na família nuclear. |
| INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA | 2011 | Retrato das desigualdades de gênero e raça. | Analisar informações sobre a distribuição da população residente no país segundo sexo, cor/raça, Unidade da federação, regiões, localização do domicílio, faixa etária e sobre a feminilidade da população de 60 anos ou mais. |
| MANFROI, MACARINI e VIEIRA | 2011 | Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil | Discutir o cuidado parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. |
| SILVA et al | 2012 | Trabalho familiar: distribuição desejada do trabalho doméstico e cuidados dos filhos entre cônjuges | Investigar a distribuição de trabalho familiar entre cônjuges que possuem vínculo empregatício e filho (s) de até 6 anos. |
| MARTINS e HAACK, | 2012 | Conhecimentos maternos: influência na introdução da alimentação complementar | Investigar na literatura a influência dos conhecimentos maternos na introdução da alimentação complementar. |
| TIRAPEGUI | 2012 | Alimentação saudável | Importância da alimentação saudável. |



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

| | | | |
|---------------------------------------|------|--|--|
| SILVA e LIMA. | 2012 | Mulher, trabalho e família na cena contemporânea. | Analisar, a partir de um estudo de caso, as interações entre as múltiplas atividades desenvolvidas pela mulher (cuidado com a casa, filhos e trabalho remunerado) e as possíveis repercussões sobre a sua saúde. |
| PEREIRA E LANG | 2014 | Influência do ambiente familiar no desenvolvimento do comportamento alimentar. | Apresentar os principais fatores no desenvolvimento do comportamento alimentar de crianças e mostrar a significativa importância do ambiente familiar nesta fase. |
| ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO | 2016 | Mulheres no trabalho | Discutir as desigualdades de gênero no mundo do trabalho. |

DISCUSSÃO

O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE ATUAL

Ao longo da história a mulher se tornou objeto de muitos estudos em diversos campos do saber, evidenciando seus costumes, credos, comportamentos, seu jeito de ser e estar na sociedade, os quais possibilitaram demonstrar diversas mudanças ao longo do tempo que contribuíram para a formação identitária feminina. Cada época suscita influência nos sujeitos, na maneira de ponderar e agir, assumindo assim, na formação das identidades, características e valores típicos de cada período (VIEIRA, 2005).

Na família tradicional do século passado, o homem era responsável por sustentar mulher e filhos e tinha autoridade e poder sobre ambos. A mulher ideal era voltada aos papéis femininos tradicionais, como a dedicação aos serviços domésticos e o cuidado com os filhos e

marido. Para os padrões ideológicos de meados do século XX, maternidade, casamento e dedicação ao lar era a essência da identidade feminina (PRIORE, 2002).

Nesse mesmo período, o casamento era meta de todas as jovens solteiras e matéria da educação feminina em suas famílias. Em contrapartida, cresceu a participação da mulher no mercado de trabalho; surgiram mais oportunidades em profissões tidas como femininas, como enfermeira, professora, médica, funcionária burocrática, as quais exigiam qualificação, e com isso estas tornaram-se profissionais remuneradas. Esse crescimento profissional, ao mesmo tempo em que proporcionou uma maior escolaridade e desencadeou mudança no status social, provocou também a desvalorização das mulheres que trabalhavam fora de casa, pois a mulher ainda era vista, primordialmente, como dona de casa, já que acreditava-se ser



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

incompatível a relação entre casamento e vida profissional (PRIORE, 2002; SMART, BROWN, TAYLOR, 2017).

Na década de 60 inaugura-se um novo ciclo. Anteriormente era um privilégio ter o *status* de mulher do lar, essa posição social deixou de ter a unanimidade de antes. Foi crescente na imprensa artigos que demonstravam a insatisfação da mulher com o rótulo imposto pela sociedade. Grupos que discutiam sobre a ascensão da figura feminina não aceitavam mais a divisão não igualitária dos papéis sexuais. A imagem da mulher submissa não suscitava mais o sonho coletivo, ao contrário, tornava-se sinônimo de pesadelo para as novas mulheres. E, nesse sentido, “ a recusa de uma identidade constituída exclusivamente pelas funções de mãe e esposa que caracteriza a condição feminina pós-moderna” (LIPOVETSKY, 2000).

Posteriormente, encontros e congressos de mulheres expandiram-se pelo país, os quais defendiam maior visibilidade, consciência política e melhoria nas condições do trabalho feminino, além de debaterem questões relacionadas à sexualidade, direito ao prazer e aborto. O planejamento familiar e o controle da natalidade passaram a ser parte integrante das políticas públicas, além da revolução com o

anticoncepcional, que permitiu à mulher ter mais liberdade no quesito sexo e reprodução (DUARTE, 2003).

Apesar do progresso relacionado à sexualidade e controle da natalidade, tal avanço ainda não garantiu à mulher os mesmos direitos que os homens, uma vez que ainda recaía sobre ela preceitos ditados pela sociedade patriarcal. Estas ainda eram julgadas quando fugiam ao modelo tradicional ao se tratar de sexo e procriação. Desde pequena a menina era designada a ser recatada e passiva, já os meninos eram dotados de total liberdade, principalmente na iniciação sexual, que em muitos momentos era incentivada pelo próprio núcleo familiar (STOTLAND, 2017; BARBOSA e ROCHA-COUTINHO, 2012)

A família da contemporaneidade sofreu inúmeras mudanças, estas foram perceptíveis no campo da economia, da política, da cultura, dentre outros espaços. No século XX, para que houvesse manutenção do arquétipo da família tradicional e se mantivesse o equilíbrio entre família e trabalho engendrou-se a domesticidade das mulheres, no entanto alguns determinantes sociais alavancaram a entrada da mulher no mercado de trabalho e ela também se tornou provedora da família (SILVA et al., 2012).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

A mulher contemporânea vem assumindo múltiplos papéis que antes eram destinados apenas aos homens. Atualmente é possível encontrá-las em diversas esferas e setores da sociedade, inclusive no mundo do trabalho. Isto constitui um grande avanço ao se pensar nas atividades que eram relegadas às mulheres dos séculos passados (LIPOVETSKY, 2000). No entanto, elas são as maiores vítimas das desigualdades sociais relacionadas à ideologia machista e patriarcal ainda vigente (SILVA ; LIMA, 2012).

A quantidade de tarefas exercida pela mulher instituiu um relevante fator de liberdade, porém de riscos. Uma vez que, por um lado a mulher conquistou autonomia, acesso a bens e serviços, por outro acumulou atividades remuneradas com as não remuneradas, deixando-a sobrecarregada (DINIZ 2004 apud SILVA; LIMA 2012).

Há uma relação entre as mulheres e a domesticidade, que compreende os cuidados com as crianças e outros membros da família, a qual foi construída historicamente, valorizando para a mulher o papel da vida privada (BIROLI, 2010).

A Fundação Perseu Abramo (FPA) realizou a pesquisa “A mulher brasileira nos espaços públicos e privados” nos anos de 2001 e 2010 e traz aspectos relacionados à desigualdade

de gênero. Foram abordadas questões como: percepção de ser mulher; machismo e feminismo; divisão sexual do trabalho e tempo livre; corpo, mídia e sexualidade; saúde reprodutiva e aborto; violência doméstica; democracia, mulher e política.

Dentre os vários aspectos mencionados nas pesquisas, algumas questões merecem destaque, tais como as desigualdades existentes por região brasileira e etnia, sendo as mulheres da região Nordeste e negras as que recebiam os menores salários (VENTURI; RECAMAN, 2004).

Com relação à responsabilidade pelas atividades domésticas revelou-se que na maioria das residências pesquisadas em que habitavam mulheres, uma mulher era a principal responsável pelas atividades domésticas (93% na pesquisa de 2001 e 91% em 2010), enquanto só 2% e 3% dos homens, respectivamente, assumiam essa responsabilidade.

Em respeito ao tempo gasto por elas nessas atividades (cuidados com casa e família) foi mencionada uma jornada semanal média de 39 horas e 45 minutos, porém há um decréscimo ao se tratar de mulheres não casadas, a média cai para 27h42min, e sobe para 48h19min entre as que têm um parceiro, o qual em contra partida, segundo as mesmas, contribui



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

apenas com 5h32min.

É possível observar que, mesmo com muitos avanços, ainda há uma disparidade e desigualdade de gênero no contexto atual. Segundo Venturi e Recaman (2004), o tamanho da desigualdade na divisão sexual do trabalho deixa claro que há uma sobrecarga para a mulher com o acúmulo dos trabalhos remunerado e não remunerado, seja por vontade própria ou por necessidade. Tornou-se perceptível, em ambas as pesquisas, que houve avanços na vida das mulheres segundo a concepção das mesmas. No entanto, ficou evidente também que ainda se fazem necessárias muitas mudanças para que realmente haja uma verdadeira equidade de gênero.

A pesquisa “Retrato das desigualdades”, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), de 2011, mostra que a participação das mulheres para o sustento da família cresce progressivamente e representa quase a metade da renda familiar (45%). Este fator é consequência tanto da crescente participação da mulher no mercado de trabalho, quanto dos novos modelos familiares (em 2009, 35% das famílias eram chefiadas por mulheres, o que constitui um aumento de 54%, desde 1995).

A Organização Internacional do trabalho (OIT) traz outro aspecto relevante ao se tratar de questões da mulher na contemporaneidade e o mundo do trabalho. A publicação “Mulheres no Trabalho - Tendências 2016” aponta diversos aspectos que ainda perpetuam a desigualdade no mundo do trabalho entre mulheres e homens. Durante a vida profissional, as mulheres permanecem a enfrentar grandes barreiras no acesso a cargos mais valorizados. Desde a Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres, em Pequim, em 1995, os avanços conseguidos foram apenas marginais (OIT, 2016).

Ainda há muita discrepância entre homens e mulheres nos mercados de trabalho globais, ao se tratar das oportunidades. As mulheres, se comparado aos homens, nos diversos países, possuem maior possibilidade de ficar ou vir a ficar desempregada e em muitos momentos, quando conseguem trabalho, são submetidas aos cargos com menor remuneração.

Apesar da mulher ter se inserido na vida pública, a vida privada ainda é considerada pela sociedade quase que uma vocação para elas. Essa “vocação” reproduz a disparidade sexual nas atividades domésticas e as mulheres naturalmente reproduzem tais tarefas por



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

fruto de uma subordinação, gentiliza, submissão e docilidade feminina, conferindo a ela o papel irrefutável de mantenedora da família (BOURDIEU apud AQUINO; KONTZE, 2014).

Muitas construções ideológicas instituídas à mulher são instaladas no seio familiar. A presença de um arquétipo de gênero historicamente estabelecido, a forma de organização sexual do trabalho com suas implicações denota a importância e a complexidade da família. Ela é produto e reflete ativamente nas relações de poder existentes, torna-se também um espaço que impactará em outras esferas na vida dos indivíduos. Sendo assim, a família pode ser o lugar de muitas implicações para (des)construção de certas identidades de gênero (BIROLI, 2010).

Ainda segundo Biroli (2010), o encargo exclusivo pela organização da vida doméstica promove fragilidade tanto na vida privada quanto pública da mulher. Uma vez que os arranjos tradicionais dificultam no investimento e na qualificação da vida profissional, obtendo rendimentos menores e tornando-lhe dependente financeiramente, ao mesmo tempo em que na vida pública o trabalho doméstico é considerado inferior e visto como indesejável para um bom desempenho profissional.

A dimensão pública-masculina é mais apreciada que a privada-feminina. Para o homem a atividade pública é quase uma obrigação assim como a privada é para a mulher, no entanto, a valorização não é a mesma (NEGREIROS; CARNEIRO, 2004).

A reparação de igualdade entre os gêneros ainda é uma necessidade. É preciso também que haja implementação de novas políticas públicas diante da visível desigualdade social ainda existente, que possa equiparar os direitos e extinguir a exclusão social das mulheres, garantindo assim uma verdadeira realização da cidadania feminina que ainda nos dias atuais passa por inúmeras violações (AQUINO; KONTZE, 2014).

Ao se tratar da igualdade de gênero vale ressaltar que há diferenças nos diversos tipos de mulher, principalmente ao se pensar no Brasil, um país considerado continental e arraigado de desigualdades regionais, raciais, étnicas, dentre outras. Nesse sentido, vale destacar que quanto à desigualdade de gênero faz-se necessário também evidenciar a heterogeneidade da categoria e perceber que há demandas distintas entre essas diversas mulheres.

Nessa perspectiva, Carneiro (2003) afirma que a luta das mulheres em nossa



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

sociedade não é apenas uma questão de superar a supremacia masculina, mas implica também na superação dos subsistemas de opressão, como é o caso do racismo. Ele permite a interiorização social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular, considerado assim como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas. Dessa forma, a luta das mulheres negras relacionada à desigualdade de gênero e de raça vem delineando novos caminhos que buscam uma ação política feminista, como também antirracista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, quanto a questão de gênero na sociedade brasileira.

Quando se fala na luta do movimento feminista de forma geral, acredita-se que as pautas requeridas envolvem as questões de todas as mulheres da sociedade, no entanto, ao se pensar sobre tais demandas questiona-se: será que podemos comparar a igualdade de direitos da mulher branca com a mulher negra? Para Silva (2016), a mulher negra vivencia situações de desigualdade de gênero, raça e classe desde o período da escravidão, que não podem ser comparadas com a mulher que não se encaixa na mesma categoria.

Situações como o maior tempo gasto em atividades não remuneradas, chefia do lar, necessidade de

prover total ou parcialmente o sustento da família, responsabilidade com a educação dos filhos, dentre outros aspectos, são vivenciadas pelas diversas mulheres, no entanto há que se destacar o papel da mulher negra e nordestina nessa empreitada. Alguns dados da pesquisa “Retrato das desigualdades”, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) de 2011, corroboram com tal proposição. Ao se tratar de escolarização, que pode garantir melhores empregos e oportunidade, a pesquisa destaca que as mulheres brancas possuem maior taxa de escolarização no ensino superior que as mulheres negras, 23,8% e 9,9%, respectivamente. Sobre o trabalho doméstico remunerado, 12,6% das mulheres brancas ocupadas eram trabalhadoras domésticas, enquanto 21,8% das mulheres negras desempenhavam a mesma função. Sendo assim, há que se destacar que as desigualdades vivenciadas pelas mulheres não são neutras quanto ao sexo e à cor.

Sobre essa problematização entre gênero e raça, Carneiro (2003) evidencia:

Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição faz com que esses sujeitos assumam, a partir do lugar em que estão



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular. Ou seja, grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso (CARNEIRO, 2003, p119).

Há de se convir que a desigualdade de gênero afeta cada mulher ao seu modo, uma vez que não se pode comparar com as mesmas ferramentas, por exemplo, a mulher negra que serve o cafezinho com a executiva branca que ordena tal execução, ou a mulher branca que tem condições de pagar por uma babá para cuidar dos seus filhos (que passa a ser a responsável pelos “erros” alimentares, e de outras ordens, das crianças) e a mulher negra que precisa deixar seu filho em casa sozinho, para poder trabalhar. Faz-se necessário olhares diferentes para as diversas demandas.

INFLUÊNCIA DOS PAPÉIS ESTABELECIDOS NO NÚCLEO FAMILIAR NA FORMAÇÃO DO HÁBITO ALIMENTAR INFANTIL.

Conforme Souza (2008), as representações de gênero são

culturalmente delimitadas e limitadas. O que implica dizer que o sexo biológico está passível de interpretação através da cultura vivenciada. Ao corpo é estabelecido sentidos hierárquicos, que definem os lugares dos sexos na dinâmica da sociedade. Há um discurso de naturalização e normalização das hierarquias de gênero, que são engendradas no cotidiano das pessoas. Essa naturalização do que é próprio de cada gênero se dá muito precocemente, em que até os brinquedos ofertados para as crianças direcionam para atividades específicas para cada sexo. Para a menina boneca e aparelhos domésticos, e aos meninos carros e ferramentas.

Nos dias atuais, apesar da constante mudança nas famílias, ainda é perceptível nos núcleos tradicionais (pai-mãe-filho) a demarcação dos cuidados parentais entre os progenitores. Conforme Manfroi, Macarini e Vieira (2011), ainda é persistente no imaginário social que maternidade e paternidade desempenham conotações representadas pelas questões de gênero. À mãe cabe a responsabilidade pelo bom desenvolvimento da criança, pela sua educação, alimentação e saúde, já o pai é visto como responsável por prover as necessidades materiais da família, sendo também seu condutor moral.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Na busca por estudos que discutam sobre os cuidados parentais, tornou-se perceptível que as pesquisas se concentram mais especificamente na mãe, em relação ao pai, necessitando assim, mais pesquisas que deem mais visibilidade no envolvimento masculino nas atividades da família (BORSA; NUNES, 2011).

Para Dessen e Braz (2005) houve uma mudança nas famílias nos últimos tempos, inserção da mulher na vida fora do lar, alterações nos arranjos familiares e na dinâmica da mesma, proporcionando mudanças no processo de socialização das crianças, e a relação entre os membros dessa família tornou-se mais complexa. Monteiro (2009) aponta que é unânime que a família tem um enorme papel no processo de estabelecimento dos hábitos de consumo.

Ao se tratar da alimentação familiar, à mulher é dado o papel primordial nesse contexto. Desde muito pequenas as meninas são ensinadas a desenvolverem atividades referentes ao lar, como preparar refeições, cuidar das bonecas e pequenas atividades domésticas condizentes com sua idade. Já aos meninos é dado como privilégio o fato de não se responsabilizar. Cabe às mulheres a compra do alimento, a escolha das preparações e o seu preparo, além de atualmente também

contribuir com as despesas da casa. O homem, em sua maioria, se encarrega em prover o sustento. É inegável que haja uma maior participação masculina nos cuidados familiar, no entanto, ainda não reflete como sinal igualitário (MANFROI; MACARINI; VIEIRA, 2011).

Um aspecto relevante ao se pensar nos papéis exercidos pelos membros da família na formação do hábito alimentar infantil é a constante presença feminina, mesmo não sendo a mãe, uma vez que são formadas redes sociais familiares que auxiliam tanto no cuidado com os filhos, como nos afazeres domésticos. Essas redes familiares são em sua maioria femininas: filha mais velha, avó, irmã, tia, sogra, dentre outras, evidenciando nesses núcleos familiares o princípio da sororidade, uma mulher sempre ajudando a outra. Caracterizam-se por ser uma forma de socialização e compartilhamento de responsabilidades. Pouco se vê a presença masculina de outros membros da família em tais atividades (PERUCCHI; BEIRÃO, 2007) que ainda são vistas como particularidades das mulheres, as quais são consideradas como mais atentas e cuidadosas ao escolherem e prepararem os alimentos, do que os homens (FIELDING-SINGH, 2017).

Muitos casais da sociedade



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

contemporânea já delimitam as atividades a serem desenvolvidas por cada membro da família, porém ainda é presente nos discursos cotidianos o princípio que a mulher deve receber uma “ajuda” do homem e não o considerar como parte responsável pela manutenção das atividades diárias. Há ainda um discurso hegemônico que legitima a ausência masculina em tais atividades. Romanelli (2006) cita a exemplo que para os homens a arte de cozinhar se dá em momentos especiais, em que os mesmos não vê como obrigação e sim um momento de lazer.

Ao se pensar no hábito alimentar das crianças vale ressaltar que essa prática abrange desde a amamentação até a alimentação habitual com a família, que é fruto de conhecimentos, vivências e experiências estabelecidas pela cultura, saber científico de cada época e pelo seio familiar (ROTENBERG; VARGAS, 2004). As práticas alimentares se dão por meio da aprendizagem adquirida e pelas experiências vivenciadas com o alimento. Fatores internos e externos aos indivíduos contribuem para garantir a formação das preferências alimentares adequadas ao longo do tempo (PEREIRA; LANG, 2014).

A família é o primeiro grupo social da criança, a partir dela se formarão crenças, costumes, atitudes sobre o mundo, constituindo um lugar

favorável para socialização. É nela que acontecem as primeiras vivências com a alimentação (MONTEIRO, 2009).

As desordens nutricionais ocasionadas por más escolhas alimentares podem acarretar problemas de saúde imediatos e também em longo prazo, e entender os diversos fatores que podem contribuir para isso é essencial para uma intervenção eficaz, no sentido de melhorar a qualidade de vida de todos envolvidos nessa dinâmica. A formação do hábito alimentar é um processo que depende de vários fatores, dentre estes destaca-se a importância dos pais e cuidadores nesse ação (PEREIRA ; LANG,2014).

As questões psicossociais e familiares colaboram com as experiências da alimentação desde o momento do nascimento da criança, levando-a ao conhecimento de sensações e percepções diversas. Uma apropriada iniciação alimentar nos primeiros anos de vida garante à criança adequadas preferências alimentares, as quais serão responsáveis por determinar suas escolhas futuras e seu padrão de consumo. A infância é o momento de formação, e entender os fatores determinantes desse período possibilita a elaboração de processos educativos que são eficazes para transformações no padrão alimentar das



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

crianças, e o papel do pai e da mãe no núcleo familiar tradicional são essenciais para garantir boas escolhas (APARÍCIO, 2010).

Dentre diversos fatores, o trabalho remunerado da mulher é um dos aspectos mais mencionados nos estudos que discutem a relação de gênero, família e rotina da alimentação infantil, sendo considerado um dos fatores preponderantes na escolha alimentar da família, principalmente no que tange a alimentação da criança. Além de destacar a figura da mãe como a principal responsável pelas escolhas alimentares, estes induzem a um discurso de culpa, responsabilizando-as pelas desordens nutricionais dos filhos. Este fato pode ser exemplificado pelo que é discutido por alguns autores: “A mãe e o pediatra são agentes responsáveis quase que diretamente pela obesidade da criança, pois manipula e estabelece a alimentação da mesma, contribuindo de forma importante para a formação do hábito alimentar (ARAÚJO et al., 2009).

Ao passo que os homens podem ser colaboradores de suma importância na formação dos hábitos dos filhos, a ideia de culpa não perpassa sobre eles. Pouco se discute como viabilizar a rotina da família, sem responsabilizar a mulher mediante as conquistas obtidas na modernidade. Sendo assim é quase unanimidade

culpar a mulher pela alimentação dos filhos e as consequências desta (APARÍCIO, 2010; SCOTTI, 2011; MONTEIRO, 2009; MARTINS; HAACK, 2012; RABELO, 2014).

Pensar na formação do hábito alimentar infantil é buscar subsídios que garantam a promoção da saúde e que assim possam contribuir no crescimento e desenvolvimento saudável desses indivíduos. Nesse sentido, faz-se necessário refletir sobre a vida da mulher na modernidade, seus desdobramentos e como a sociedade pode contribuir na garantia desse direito.

Contradições, ambiguidades, frustrações, culpas, como também possibilidades, emancipação, autonomia são algumas ponderações sobre o universo feminino. Esse conflituoso universo ao mesmo tempo em que lhe garante independência e controle sobre sua própria vida, acarreta em maior desgaste, pois se estimula uma maior emancipação da mulher, porém não são oferecidas ferramentas para fazê-la acontecer de maneira justa e equânime entre os gêneros (FABBRO, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mulher ainda é considerada a responsável pela família. Cabe a ela na



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

maioria das vezes a decisão sobre a alimentação da mesma, como comprar e elaborar as refeições. Observa-se também que muitos estudos falam sobre a influência dos pais na alimentação dos filhos, no entanto, a maioria aponta apenas a relação mãe-filho e pouco se fala sobre a responsabilidade do pai nesta atividade.

Embora exista uma parcela de homens que contribuam nos afazeres domésticos, ainda é maciça a presença feminina nesse território, uma vez que cabe a ela o ato de alimentar a criança desde o período da amamentação, perpetuando-se posteriormente mediante os arquétipos sociais instaurados.

Mesmo existindo quebra nos padrões tradicionais de organização da vida social, ainda persistem relações hierárquicas entre os gêneros em que os homens assumem na vida social as posições dominantes e mais valorizadas. O papel do homem e da mulher é constituído culturalmente e, por ter órgãos sexuais femininos ou masculinos, estes são ensinados pela família, grupos sociais, mídia e sociedade em geral, diferentes modos de pensar e agir.

A sociedade culpa a mulher pelas falhas nas escolhas alimentares dos filhos, naturaliza como próprio dela o lar e os afazeres domésticos, propaga discursos de valorização do homem que

se propõe a contribuir nas atividades da casa e utiliza as conquistas femininas como fatores causais dessa dinâmica. Demonstrando, assim, o valor depositado no ser homem e ser mulher nos espaços domésticos, como também há que diferir essa mulher, pois seu pertencimento étnico e/ou sua classe social contribuirão ainda mais para o peso das exigências sociais.

A formação do hábito alimentar perpassa por diversos segmentos, no entanto, o seio familiar é considerado o lugar mais importante para este acontecimento e destacar o lugar de cada membro da família nessa atividade é necessário para que haja desconstrução de ideologias arraigadas pela sociedade machista.

Esse trabalho buscou viabilizar a discussão sobre a escolha alimentar da família, formação de bons hábitos alimentares das crianças e o papel da mulher e seus desdobramentos, no entanto, novos estudos se fazem necessários para assim ampliar a discussão em torno da família, das relações de gênero e questões alimentares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, C.Q.B de et al. Obesidade infantil versus modernização: uma revisão de literatura. **TEMA-Revista Eletrônica de Ciências**, v. 8, n. 12, 2010.

APARÍCIO, G. Ajudar a desenvolver hábitos alimentares saudáveis na infância. **Millenium**, p.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

283-298, 2010.

AQUINO, Q. B; KONTZE, O. “contrato sexual” e a promoção dos direitos e garantias fundamentais da mulher na sociedade contemporânea. **Barbarói**, n. 42, n. esp, p. 250-267, 2014.

ARBOSA, Z, P. & ROCHA-COUTINHO, M. L. Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos. **Psicologia & Sociedade**, 24(3), 577-587.2012

BIROLI, F. Gênero e Família em uma Sociedade Justa: adesão e crítica à imparcialidade no debate contemporâneo sobre justiça. **Revista Sociologia Política**,

BORSA, J.C; NUNES, M.L.T. Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicologia Argumento**, v. 29, n. 64, p. 31-39, 2011.

BOTELHO, L.L. R; CUNHA, C.C. A; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade** 5, n 11, p 121-136,2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira /** Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Retrato das desigualdades de gênero e raça. 4ª ed. - Brasília: **Ipea**, 2011.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, p. 49-58, 2003.

CYRINO, R. Trabalho, temporalidade e representações de gênero: uma análise da articulação entre trabalho doméstico e assalariado. **Sociologias**, v.11, n 21, 2009.

DESSEN, M.A; BRAZ, M.P. **A família e suas interrelações no desenvolvimento humano**. Em: DESSEN, M.A; COSTA JÚNIOR A, L. A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DUARTE, C.L. **Feminismo e Literatura no Brasil**, 2003.

FABBRO, M.R. **C Mulher e trabalho: problematizando o trabalho acadêmico e a maternidade**. 2006.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **A mulher nos espaços público e privado: como vivem e o que pensam as brasileiras no início do século XXI**, 2001.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **A mulher nos espaços público e privado: como vivem e o que pensam as brasileiras no início do século XXI**, 2010 .

JABLONSKI, B. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Psicologia, ciência e profissão**, v.30, n 2, p 262-275, 2010

LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher: permanência e revolução de feminino**. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MANFROI, E.C; MACARINI, S.M; VIEIRA, M.L. Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**, v. 21, n. 1, p. 59-69, 2011.

MARTINS, M.L; HAACK, A. Conhecimentos maternos: influência na introdução da alimentação complementar. **Comunicação, Ciência e Saúde** v 23, n 3, p 263-270, 2012.

MONTEIRO, R.A. **Influência de aspectos psicossociais e situacionais sobre a escolha alimentar infantil**. 2010.

NEGREIROS, T. C. G. M; FÉRES-CARNEIRO, T. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 4, n. 1, p. 34-47, 2004.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Mulheres no trabalho: Tendências 2016**. 2016.

PEREIRA, M.M; LANG, M.F.R. Influência do ambiente familiar no desenvolvimento do comportamento alimentar. **Revista UNINGÁ**. v.41, p.86-89, 2014.

PERUCCHI, J; BEIRÃO, A.M. Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. **Psicologia Clínica**, v. 19, n. 2, p. 57-69, 2007.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

PINHEIRO, A.R.O. A alimentação saudável e a promoção da saúde no contexto da segurança alimentar e nutricional. 1. Saúde Pública, Periódico. I. Centro Brasileiro de Estudos de Saúde. **CEBES CDD**, v. 29, n. 70, p. 125-139, 2005.

PRIORE, M.D (org). Mulheres dos Anos Dourados. In: **História das mulheres no Brasil**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

RABELO, D.S. **Influência no consumo de alimentos industrializados por crianças de 4 meses a 5 anos**. 2014.

RAMOS, M.; STEIN, L. M. Desenvolvimento do comportamento alimentar infantil. **Jornal de Pediatria**, v. 76, supl.3, p.229 – 237, 2000.

ROMANELLI, G. O significado da alimentação na família: uma visão antropológica. **Medicina (Ribeirão Preto. Online)**, v. 39, n. 3, p. 333-339, 2006.

ROSSI, A; MOREIRA, E. A. M; RAUEN, M. S. Determinantes do comportamento alimentar: uma revisão com enfoque na família. **Revista Nutrição**, v. 21, n. 6, p. 739-748, 2008.

ROTENBERG. S;VARGAS, S. Práticas alimentares e o cuidado da saúde: da alimentação da criança à alimentação da família. **Revista Brasileira de Materno Infantil**, v 4, p84-94,2004.

SILVA, D.S. **Gênero, Raça e classe: Discursos de mulheres negras acadêmicas e mulheres negras comunitárias**, 2016.

SILVA, D. M; LIMA, A. O. Mulher, trabalho e família na cena contemporânea. **Contextos clínicos**, v. 5, n. 1, p. 41-51, 2012.

SILVA, M.R.S, LUZ G.S, CEZAR-VAZ, M.R, SILVA P.A. Trabalho familiar: distribuição desejada do trabalho doméstico e cuidados dos filhos entre cônjuges. **Revista Gaúcha Enfermagem** v 33, p 124-131,2012

SCOTTI, V.L. **A importância da alimentação saudável na infância**. 2011.

SOUZA, S.D. Educação, trabalho e socialização de gênero: quando ser mulher pesa mais na balança da desigualdade social. **Educação e Linguagem**, v.11, n 18, p 170-185, 2008.

IRAPEGUI, J. **Nutrição, metabolismo e suplementação na atividade física**. 2 ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

VENTURI, G; RECAMÁN, M; OLIVEIRA. S, (org). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. 1. ed. – São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

VIEIRA, J.A. **A identidade da mulher na modernidade**. 2005.

FIELDING-SINGH, P. **Dining with dad: Fathers' influences on family food practices** *Appetite* 117 (2017) 98e108.

LANDRY, M. et al. Is eating pleasure compatible with healthy eating ? A qualitative study on Quebecers ' perceptions. **Appetite**, v. 125, p. 537–547, 2018.

SCHWARTZ, C. et al. Behavioral and physiological determinants of food choice and consumption at sensitive periods of the life span , a focus on infants and elderly. **Innovative Food Science and Emerging Technologies**, v. 46, n. February 2017, p. 91–106, 2018.

SMART, M. J.; BROWN, A.; TAYLOR, B. D. Sex or sexuality ? Analyzing the division of labor and travel in gay , lesbian , and straight households. **Travel Behaviour and Society**, v. 6, p. 75–82, 2017.

STOTLAND, N. L. Reproductive Rights and Women's Mental Health. **Psychiatric Clinics of NA**, v. 40, n. 2, p. 335–350, 2017.